

UM ESCRITOR

Por **Ottokar Hanns**

Começou do nada. Começou como a maioria começa. De dia, trabalhava atrás de um balcão de secos e molhados, para ganhar o pão diário. De noite, lia e estudava.

Os freguezes daquela casa comercial viam naquêle rapaz sonhador alguém que seria um péssimo comerciante, "se continuasse a viver no mundo da lua".

Sim, porque o escritor de que falo, hoje famoso e mundialmente apreciado, era, na sua mocidade, naquela pequena cidade gaúcha, um rapazinho de ar sonhador e distraído, assim como quem vive pensando em castelos do irreal da Fantasia. Talvez pensasse, pois a mocidade é isso mesmo.

Vivia rabiscando coisas nos papéis de embrulhar. Pequenos versos de pé quebrado, pequenas histórias a princípio sem nexos mas que depois foram tomando forma, devagarinho, até se transformarem numa estupenda realidade, tais como "Clarissa", "Olhai os Lírios do Campo", "O Resto é Silêncio", "Música ao Longe", e outras obras famosas.

O escritor de que falo, como todos já devem ter percebido, é **Érico Veríssimo**, o mais lido dos romancistas brasileiros contemporâneos.

Eu tenho **Érico Veríssimo** muito em conta, pois foi êle, com sua suave e adorável "Clarissa", quem me fez abrir os olhos às coisas belas da vida, no verdor dos meus 10 anos, há muito transcorridos. "Clarissa" é um verdadeiro poema em prosa. Foi o primeiro livro de **Érico** e um dos que mais gostei.

Quando eu era um gurí de escola, dêsse que gostam de fazer gazeta três vezes por semana para ir tomar banho nos arroios, para dar arriscados mergulhos que faziam a gente ficar ofegante por vários minutos e assustado outros tantos, eu já gostava de ler. Lembro-me de que uma vez, aos dez anos, em plena sala de aula, enquanto a professora explicava um ponto, eu, com um livro de aventuras de **Emílio Salgari** sob a carteira, lia deliciosamente as proezas de **Sandokan**. A professora, **Da. Ana de Barros Holzmann**, apanhou-me lendo, pois desconfiara de minha quietude na au-

la. Tomou-me o livro, só me entregando após o término da aula, e dizendo-me que aprovava meu gosto pela leitura, mas que não aprovava isso em aula. "Deixa **Sandokan** para depois", disse-me ela. "Estuda o ponto que dei e depois terás mais bases para futuras leituras".

Nunca me esqueci da lição de **Da. Ana**.

Foi mais ou menos por aquela época que veio parar em minhas ansiosas mãos um exemplar de "Clarissa", de **Érico Veríssimo**.

Pensei comigo: "Deve ser um romancinho qualquer; prefiro **Sandokan**". Comecei a lê-lo com pouca vontade.

Mas essa pouca vontade foi um fôgo de palha. Desde a primeira página, o livro me emocionou.

Creio que foi lendo "Clarissa" que me tornei sentimental. É naturalmente a consequência da primeira leitura importante na vida de qualquer pessoa; por isso mesmo deixei **Schopenhauer** para muito mais tarde.

Tornei-me sentimental e simples. Lendo "Clarissa", ví como um escritor se faz entender

com palavras simples e sem prolixidade por todos quantos o lêem.

Em minha vida literária, ainda jovem e tropeçante, tomei dois escritores por base: o brasileiro **Érico Veríssimo**, e o francês **Victor Hugo**, hoje já um tanto fora de moda, como se diz por aí, mas que eu admiro e venero.

Nêsses dias turbulentos de hoje, em que a síntese subjugou os volumes massudos que davam um ar imponente a qualquer biblioteca, por mais pequena que esta fôsse, poucos são os que admiram **Victor Hugo**. E creio que não é nenhum pecado ser um dos poucos, não é?

Escolhi **Érico Veríssimo** por ter sido êle o primeiro escritor brasileiro que me empolgou verdadeiramente. Um escritor com base e com fundamentos, um escritor sincero, um escritor que diz o que pensa sem ligar ao que os outros pensam.

Escolhi **Érico Veríssimo** por ser êle um escritor livre, um escritor democrata, enfim, um escritor escritor.

Creio ter feito uma ótima escolha.
Ponta Grossa, 18-1-1954.